

O exercício do olhar: uma análise urbana sobre um recorte territorial no bairro de Vila Valqueire

The exercise of Observation: An urban analysis on a territorial fragment of Vila Valqueire neighborhood

*Edson Agostinho Maciel¹
Manon Rachel Maira Lombroso²*

RESUMO

O presente trabalho se resume em uma análise orientada pela articulação teórico-instrumental de autores críticos ao Modelo de reprodução de Cidades Planejadas do Século XX - no intuito de revelar hipóteses de formação de Espaços Urbanos contemporâneos - em particular as do subúrbio carioca. A pesquisa dedicou-se à especulação de um recorte territorial, na forma de uma Quadra urbana, localizado na cidade do Rio de Janeiro - bairro de Vila Valqueire. Imbuídos do senso crítico, através de elementos previamente suscitados pelas Referências, servimo-nos de nosso objeto para o exercício de desvelar a realidade. Dessa forma, o método habilitou-nos à possibilidade de interpretação de um modelo palpável, a partir de teorias consagradas por autores atinentes ao tema. A constituição de áreas específicas do subúrbio do Rio de Janeiro, no aspecto da evolução urbana, que se manifesta como resultado concreto de relações sociais, revelou-nos sintomas peculiares, característicos, de uma sociedade de mercado. Contudo, o que podemos avaliar é que a Forma de apropriação do Espaço (o urbano) se desenvolveu a partir de uma lógica fundamentada em questões que transcendem o viés econômico, admitindo características orgânicas (originais) relacionadas às influências de ordem cultural e histórica. Por fim, especula-se se o modo analítico-conceitual aqui apresentado poderá contribuir, por meio da revelação dos aspectos diferenciais na formação de Cidades, para a necessária Revolução Urbana.

Palavras-chave: Análise urbana; Cidades; Espaço; Subúrbio; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This paper is synthesized in an analysis guided by the theoretical-instrumental articulation of authors critical about the Planned Cities Reproduction Model of the Twentieth Century - to reveal hypothesis about the formation of contemporary urban spaces - in particular the Carioca suburb. The research is dedicated to the examination of a territorial fragment, in the form of a city block, located in the city of Rio de Janeiro - Vila Valqueire neighborhood. Imbued with a critical sense, through elements raised by references, the Object of this exercise reveals the reality. Thus, the Method enabled the possibility of interpretation of a palpable model, based on theories fixed by established authors on the theme. The constitution of specific areas of the suburb of Rio de Janeiro, in terms of urban evolution, manifests itself as a concrete result of social relations, revealing symptoms of peculiarities and characteristics of a society based around a market economy. However, what we can assess is the form of space appropriation exercised through a logic based on issues that transcend the economic bias, admitting original and organic characteristics related to cultural and historical influences. Finally, the article specifies how the analytical-conceptual approach shown here can contribute, by revealing the different aspects in the formation of cities, for a necessary Urban Revolution.

Keywords: Urban analysis; Cities; Space; Suburb; Rio de Janeiro

¹ Mestre em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR – UFRJ), Especialista em Planejamento e Uso do Solo Urbano (IPPUR – UFRJ), Professor da Universidade Veiga de Almeida e Líder do Grupo de Pesquisa OPUS (Observatório de Políticas Urbanas e Sociais: <https://anchor.fm/opusbr>) - e-mail: edson.maciel@uva.br

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Veiga de Almeida, Campus Tijuca – Pesquisadora do Grupo de Pesquisa OPUS (Observatório de Políticas Urbanas e Sociais) - e-mail: rachelombroso@hotmail.co.uk

Introdução

O ato de observar a realidade orientado pela influência obrigatória de teorias consagradas, quando estas se dedicam a desenvolver suas teses no sentido crítico, é parte fundamental deste trabalho. A crítica aqui sugerida refere-se àquela que lida com os estudos do desenvolvimento das cidades, pondo em discussão os paradigmas clássicos, a partir de um olhar que apresenta novos padrões urbanos. O que se propõe aqui é um diagnóstico sobre um recorte espacial, orientado por determinações de ideias legitimadas, para a descrição de fenômenos urbanos em um determinado local.

O objeto localiza-se no bairro de Vila Valqueire (cidade do Rio de Janeiro) estando delimitado pela Quadra que se forma através de quatro Ruas, a saber. Essa definição - a do recorte urbano - deu-se a partir do eminente apelo sobre o tema da habitação. Seguindo a orientação dos autores em referência, o tema da moradia se apresenta como determinante para a formação das cidades. Dessa forma, a área analisada apresenta um uso residencial predominante: considerando, inclusive, as regiões de vizinhança.

A estratégia do presente estudo reuniu uma seleção de textos convergentes sobre o tema da visão crítica à Modernidade. Nossos argumentos baseiam-se numa concepção de ideias novas, sobre o desenvolvimento social e urbano, a partir da década de 60. Um autor de apoio introdutório é Mark Gottdiener

(GOTTDIENER, 2016) que, a partir do seu interesse no debate sobre a Teoria do Espaço, apresenta-nos uma visão das transformações urbanas como produto das organizações sociais.

No embate entre a Escola Modernista (a da cidade Planejada) e a sua antítese, recorremos a três autores de referência à nossa análise. Primeiramente, para uma relativização das imposições retóricas, da citada Escola Modernista, apoiamo-nos na teoria de Aldo Rossi (1995). O segundo autor que nos serve é José Lama (2007) com sua construção analítica sobre a Configuração e Morfologia da Cidade Moderna e do Novo Urbanismo. Por fim, apoiamo-nos em Janes Jacobs (2011) no intuito de verificar a natureza peculiar das cidades e as condições para a diversidade urbana. A elaboração da análise aqui proposta suscitou a identificação de elementos capazes de construir hipóteses na justificativa de formação do Objeto. Nesse sentido, a contribuição do exercício se dá no âmbito da estimulação do senso crítico capaz de inaugurar novas teses.

Aspectos históricos da ocupação do solo e sua formação

Para compreender a composição do bairro de Vila Valqueire, é imprescindível investigar, no âmbito histórico, a sua *Forma* urbana e o seu desenvolvimento de apropriação do solo. Perseguindo a contribuição de Gottdiener, no seu debate sobre a teoria do “espaço” (GOTTDIENER, 2016), este autor cita Castells para a descrição do termo,

como sendo o resultado de certa estrutura social que se forma através das combinações entre os elementos do sistema Econômico, Político e Ideológico (CASTELLS, 1977). Isto posto, as questões aqui ligadas ao desenvolvimento e formação da cidade, como subsistema de um dado contexto social, devem ser avaliadas no tempo. Para tanto, buscou-se, na descrição histórica, os elementos definidores do nosso objeto.

Da Sociedade Agrária à Capitalista

Tomando-se por base o séc. XVI, as terras da região de Jacarepaguá, como em todo o Rio de Janeiro, pertenciam a apenas uma Freguesia: da Sé (Velha) no Morro do Castelo (DIAS, 2017). Esse monopólio é resultado do Sistema de Sesmarias, base da economia colonial, que exerceu decisivo impacto sobre a apropriação e o domínio do território brasileiro (assim como para a estrutura fundiária do país na sua forma de parcelamento). Em 1594, o governador doa a área citada aos seus filhos, e, mais tarde, seu neto a desenvolve e vende uma grande parcela. No século XVII, a família Teles, fidalgos portugueses de grande relevância na Corte, expande os seus domínios e torna-se proprietária das terras de Taquara, Jacarepaguá e o engenho do Quinto (V)alqueire. O alqueire era uma unidade métrica agrária utilizada no Brasil que variava de acordo com a região, e especula-se que foi desse termo que tenha surgido o nome do bairro. No século XIX, houve uma expansão do cultivo de café e muitas fazendas foram criadas,

contabilizando mais de sete mil habitantes residindo na região, incluindo em torno de 4.500 escravos (PITOMBEIRA, 2017).

As terras adquiridas até então se tornam propriedades da classe dominante: sendo encampadas para a acumulação primitiva do capital³ (MARX, 2017a). Porém, com o passar do tempo, considerando as forças produtivas do tráfico de escravos e a transição paulatina do modelo de produção vigente para a era industrial carioca, observou-se a substituição do processo de exploração pelo da opressão (LEFEBVRE, 2001). Esse processo surtiu novos aspectos aos latifúndios.

A seguir, em 1927, os herdeiros das terras, por intermédio da companhia predial edificatória suburbana, lançam o projeto de alargamento de ruas e definição de loteamentos aprovado pela prefeitura. O desenvolvimento do bairro é lento, pois os terrenos são adquiridos sem intenção de se construir. Assim, a região exhibe loteamentos com poucas casas. No Rio de Janeiro, principalmente nos subúrbios, os anos 60 são marcados por um “boom” da construção e da implantação progressiva de indústrias. A população residente tem perfil social de baixa renda tendo que se deslocar para o Centro da cidade, diariamente, na busca de oferta de trabalho. A antiga Estrada Real de Santa Cruz (“o caminho Imperial”) que passa por Vila

³ Especificamente, sobre a Acumulação Primitiva de Capital, ver MARX em *O Capital: a Crítica da Economia Política: Livro I – O Processo de Produção do Capital*, 2017.

Valqueire – ligando-se ao Palácio de São Cristóvão – passa a se chamar Estrada Intendente Magalhães (eixo principal no Bairro em análise) (MATTOSO, 2016).

O Princípio da Produção Social do Espaço

Após enunciar elementos da história para contextualizar nossa discussão, analisaremos o bairro de Vila Valqueire pelos seus aspectos sócio-espaciais, admitindo, pela sua formação, um modelo capitalista de crescimento (este modelo, grosso modo, determinara a realidade das cidades pelo mundo). Para esta formulação usaremos as teses de Mark Gottdiener no seu livro: *A Produção Social do Espaço Urbano*, tendo como foco o debate sobre a teoria do Espaço.

O encontro com o pensamento de Mark Gottdiener

A formação da tese que se refere ao modelo de Espaço, em que as relações de produção capitalistas se desenvolveram, segue uma linha do pensamento que vê na passagem do modo Feudal (agrário) ao Capitalista (industrial) sua exegese (LEFEBVRE, 2001). Assim, os impactos decorrentes das novas formas de produção das mercadorias, segundo a lógica industrial, manifestam-se na reconfiguração dos espaços nas cidades de forma decisiva.

Como um dos elementos necessários à construção de nossa análise, que aponta para a revolução que as cidades sofreram na era

industrial, sugerimos o fenômeno da Renda da Terra desenvolvido por Karl Marx no seu *Processo Global de Produção Capitalista* (MARX, 2017b, p.833). Assim, quando a terra urbanizada é capaz de produzir Renda – considerando todo o processo de especulação inerente ao mercado imobiliário – o seu Espaço ganha novo caráter. Como contribuição, para Henri Lefebvre, o Espaço não pode ser reduzido a mero meio de produção, mas sim como força de produção (LEFEBVRE, 1979): esse caráter tem um fundamento revelador quando a terra urbanizada assume valor (de troca), participando decisivamente do processo produtivo capitalista. Daí, por suposto, pode-se deduzir que há uma atuação fundamental da Forma, do Design, da organização, da cidade na reprodução do Capital.

Apropriamo-nos do desenvolvimento acima, assumindo um diálogo com os teóricos marxistas, na tentativa de justificar as novas manifestações da forma urbana que as localidades de constituição do subúrbio carioca sofreram a partir do séc. XIX. Destarte, grandes glebas rurais, de produção colonial, foram parceladas em loteamentos urbanizados, como forma de acompanhar as determinações do espaço industrial capitalista que se impunha nas cidades pelo mundo (o que para o bairro de Vila Valqueire não foi diferente).

Ainda, como contribuição, para a descrição da cidade capitalista, o espaço torna-se um instrumento para a sustentação do poder (GOTTDIENER, 2016). O desenho da cidade, a “modelagem” hierárquica, a homogenia

e a segregação das partes permitem o controle social do Estado em favorecimento dos seus desejos administrativos, dentre outros. O Estado, então, assume um papel importante na constituição do espaço urbano, interferindo no processo de reprodução de capital mediante as alterações de ordem estrutural nas cidades. Esse fato é fundamental quando os loteamentos do subúrbio, juntamente com a configuração dos bairros cariocas, sofrem intervenções de grandes obras civis para acomodar a massa trabalhadora da indústria nascente – séc. XIX – da era republicana (ABREU, 2008).

Contudo, embora algumas visões de cidade concentrem suas análises nas questões exclusivas do processo econômico, Gottdiener – para um âmbito mais abrangente de sua Tese – sugere que o Espaço não seja definido, unicamente, como uma localização das relações sociais de posse da terra, mas também incorpora o cenário da vida cotidiana (GOTTDIENER, 2016). Assim, pela orientação deste autor, deve-se ampliar a análise para além da ótica econômica (a do pensamento *marxista vulgar*), admitindo-se às interferências das demais relações sociais. A essa definição, sugere-se iniciar uma investigação dos fenômenos culturais, os quais atuam nas mudanças sobre o cotidiano humano em cidades.

A Estrutura dos Fatos Urbanos

Para entender o espaço onde vivemos, avaliar as manifestações das relações sociais - no tempo - pode ser

um caminho. Dessa forma, olhar a materialização da cidade, por meio da sua expressão concreta, torna-se urgente. Para tanto, trazer ao debate a obra de Aldo Rossi serve-nos de norte, quando este autor se dedica a discutir a cidade como expressão da sua arquitetura (ROSSI, 1995). Se de um lado a morfologia urbana é o estudo das formas da cidade, para Rossi, a Tipologia revela a essência da Arquitetura (ROSSI, 1995, p. 27). E é nesse ponto que iremos nos deter: o da Tipologia das edificações, analisando os aspectos homogêneos que se cristalizam nas construções ao longo do tempo.

Rossi resume sua teoria dos fatos urbanos por meio de duas concepções: a dos elementos primários e da área residência: esta última relacionada à propriedade privada e aquela ao espaço público. Tal dicotomia se disponibiliza como um produto de fatores históricos e de estados formais da projeção arquitetônica, estando ligados a aspectos lógicos, definidos e fixos com significado único e original.

Da Escala da Cidade ao Bairro, o caso do subúrbio

A gênese e o crescimento do subúrbio carioca foram diretamente influenciados pela implantação da rede ferroviária no século XIX, permitindo, em especial, a mobilidade urbana dos seus habitantes. Junta-se a isso a intervenção científico-higienista, que a partir da demolição de cortiços no centro da Cidade, expulsou o proletariado deste lugar (ABREU,

2008). Ao redor dessas redes de comunicação, foram surgindo aglomerados demográficos, em expansão rumo à Zona Norte e à Baixada Fluminense, formando uma região espalhada e contínua. Assim, entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, o subúrbio representa o receptáculo da classe proletária, que, por conta da especulação imobiliária, suscitou o *boom* demográfico daquele lugar.

Na configuração da cidade, em consideração à teoria dos fatos urbanos de Rossi, a revelação da importância da residência (espaço privado que expressa os valores do solo), assim como dos elementos primários (espaço público como a Forma consumada da cidade), nos induz para uma análise concentrada desses elementos a fim de relacioná-los à formação do recorte. Dessa forma, descreveremos adiante as características residenciais do nosso objeto, assim como a sua configuração como bairro de subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Vila Valqueire é um bairro localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro e limita-se com os bairros de Praça Seca, Tanque, Campo dos Afonsos, Jardim Sulacap, Bento Ribeiro, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz e Campinho. Pelo Plano Diretor Municipal, a área é classificada como zona residencial (ZR3), estando restringida à ocupação de residências unifamiliares e multifamiliares, com tolerância à comércio, ensino e hospital, basicamente.

Com relação à ocupação da região em análise, o tecido é caracterizado por espaços livres privados, pouco espaços públicos para interação social, baixa verticalização e foco de altos investimentos. Na articulação com a cidade, os eixos viários têm um papel estruturador e expansionista, principalmente quando utilizados em rede. Já na escala do bairro, entende-se a função da via como elemento estimulante ao aumento demográfico, normalizando o uso do solo em favor do desenvolvimento urbano. Partindo para uma visão mais próxima do nosso recorte, os fluxos da área residencial, essencialmente, manifestam-se em vias locais de pouco movimento. Ainda assim existe uma hierarquia de vias com trechos do bairro que sofrem com congestionamentos, por conta do alto adensamento e da concentração do transporte individual como meta, o que gera o aumento de automóveis.

Pela dinâmica de Fluxos, o bairro analisado se circunscreve pela delimitação das vias Estrada Intendente Magalhães (ao Norte), rua Quiririm (à leste), rua da Chácara (ao sul – atravessando-a, também uma porção do morro do Jardim Sulacap) e Estrada Japoré (fechando o seu contorno à Oeste). As ruas que definem o recorte específico do bairro a ser estudado são: Rua Rosário Oeste, Rua Poços de Caldas, Rua Ouro Branco e Rua Três Pontas.

Figura 1- imagem aérea da quadra objeto



Fonte: earth.google.com

O objeto de estudo tem um formato retangular, resultante do traçado ortogonal de suas ruas. Nota-se que todas as quadras do entorno imediato têm, basicamente, a mesma formação geométrica: o que pode caracterizar uma malha regular. Assim, os quarteirões dessa área têm como dimensão média 150,0m x 55,0m, e assim se reproduzem.

A análise da cidade, segundo Rossi, implica a demarcação e a classificação dos seus fatos urbanos (ROSSI, 1995). Desse modo, é preciso definir uma área-estudo, que expressa uma seção da forma, assimilada como uma parcela componente da própria cidade. O objeto aqui definido apresenta características de homogeneidade física e social. A apresentação da volumetria nos mostra os dados de massa e a continuidade da ocupação

do espaço no plano horizontal de forma predominante.

A Escala da Rua: a quadra em dimensão setorial

Na busca de uma teoria urbana, a fim de avaliar nosso objeto, seguimos com a contribuição de Rossi. Essa guisa considera a cidade partir de duas formulações: como um sistema funcional (gerado pelas condicionantes políticas, sociais e econômicas) e como uma estrutura espacial (ligada à Arquitetura e à Geografia) (ROSSI, 1995, p. 6). Rossi se apoia na segunda definição, mas vê na primeira um importante diferencial, a exemplo do embate entre o socialismo utópico e o científico – séc. XIX – no questionamento resolutivo dos problemas da cidade, que despertou o enfoque político. No entanto, para o autor em questão, a realidade dos fatos urbanos está mais além.

O princípio que traduz a realidade dos fatos urbanos reverte-se à análise da Arquitetura, e para tanto deve-se considerar o *Tipo*, que se traduz no que há de mais próximo à sua essência (ROSSI, 1995, p.27). Para Rossi, a definição desse termo encontra-se na necessidade atrelada às aspirações de Beleza que algo construído possa apresentar. Nesse aspecto, quando se fala em análise de cidades, obrigatoriamente, devemos nos referir ao *Tipo*. Destarte, para uma descrição da tipologia urbana, há de se levar em consideração elementos constitutivos do fato urbano, a exemplo: a forma dos lotes, das ruas e da célula de habitação (ROSSI, 1995, p.36-111). Mediante a consolidação da experiência de nossa teoria de apoio, (aquela que esvazia a supremacia do plano ou do desenho geral, em detrimento dos detalhes e dos fragmentos), apresentamos as características de nosso recorte de análise, quais sejam⁴:

⁴ As figuras que seguem têm referência em google.com.br/maps



Figura 2 - Delimitações do Objeto: Quadra configurada por ruas de 8,00m de largura e calçadas de 3,00m. Arborização rarefeita. Solo privado com parcelamento em lotes predominantemente residenciais: com dimensões de 30,0m x 12,0m, cada um.

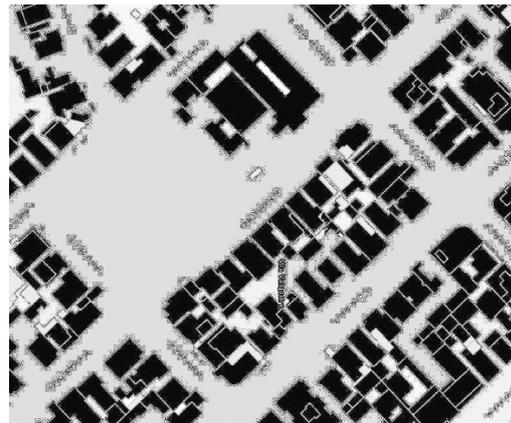


Figura 3 - Figura e Fundo da Área: expressando espaços edificados e não edificados.



Figura 4 – Residência com dois pavimentos: cobertura em telha aparente; vãos de varandas; revestimentos nas fachadas; balaústres; grades nas janelas e muros.



Figura 5 – Residência com azulejos na fachada, no piso interno e externo – muros vazados e jardim frontal.



Figura 6 - Ocupação recente do solo com remembramento de lotes formando 24,0m de testada. Afastamentos laterais, frontais e de fundos em uso Residencial Multifamiliar de até seis pavimentos (apropriação vertical provocando maior densidade) - construção em Bloco.



Figura 7 – Rua Ouro Branco com faixa de rolamento; estacionamento constante de carros ao longo das sarjetas; faixa de arborização rarefeita nas calçadas; muros semivazados e padrão baixo de ocupação pelos edifícios.



Figura 8 - Centro Comercial em Quadra vizinha ocupando grande parte do lote; condomínio particular de lojas; fachada envidraçada; estacionamento subterrâneo; cobertura com área útil; três andares comerciais somados à Cobertura.

As principais estruturas físicas da cidade, apresentadas em nosso objeto, atendem às funções de residência (espaço privado) em maior concentração, prevalecendo o seu valor de uso; mas estas, também, convivem com as atividades fixas da coletividade (ou elementos primários: hospital, shopping, escola, ruas e praças) onde aparece a forma urbana consumada que se soma ao tráfego. Ademais, podemos dizer que a articulação pela conjugação de fragmentos, constituídos de fatos urbanos, revela a forma da cidade.

Trazendo os elementos à tona – a experiência urbana no seu íntimo

Para o olhar analítico da cidade a partir da Arquitetura, como a manifestação dos seus aspectos utilitários (funcionais) e de beleza, necessita-se de uma discriminação morfológica. Contudo, há, nos dados de formação da cidade, o modo de como as pessoas a entendem e formulam a sua imagem, ou seja, no campo de criação do imaginário. As lembranças e os significados individuais, e, principalmente, os de grupos, podem influenciar a idealização e a construção do ambiente urbano que vivemos. Dessa forma, a legibilidade (LYNCH, 1997, p.3) da forma pode ser uma questão a ser perseguida como uma construção coletiva no tempo. Para tanto, os elementos analisados devem ser encarados como símbolos de expressão de um grupo.

O desafio é trazer os elementos de análise à tona, para que o arranjo entre a identidade, a estrutura e o significado destes possa gerar interpretações de maior êxito. Há de se definir detalhes do ambiente físico, pertencentes ao objeto, a fim de compor os processos de análise. No item anterior, apresentamos alguns elementos, por argumentação, a partir da descrição das ruas, dos lotes e das células de habitação pertencentes ao recorte. Contudo, aqui, iremos tratar dos mesmos pontos por meio de uma análise mais estreita e aproximada da Arquitetura e seus pormenores. Apropriamo-nos, na sequência, da estratégia de José Lamas a fim de

elencar os elementos morfológicos do espaço urbano do nosso tema (LAMAS, 2007, p. 79).

Para as ruas em foco, o que caracteriza a interação com o solo original da antiga gleba, por motivos de acomodação do parcelamento e dos eixos viários, resultou em um tratamento de pavimentação acabado. Observou-se o uso exclusivo de asfalto, em caixa de rolagem, aplicado à área privilegiada para o trânsito de veículos. O traçado em malha ortogonal não admite maiores modificações (LAMAS, 2007, p.100) e possibilita a distribuição funcional das massas construídas. Os detalhes de constituição do perímetro analisado são: quebra-molas, ausência de faixa de pedestres para travessia, paralelepípedos de pedra como meio-fio e carros estacionados, constantemente, nas faixas laterais dos eixos.

Com relação aos passeios vistos, notou-se: calçamento em concreto e intertravados; caimento (possibilitando o acesso de veículos às propriedades); postes para concessão de energia elétrica e iluminação; postes com propagandas; e degraus ao longo dos eixos para o nivelamento dos planos entre os lotes. Para o mobiliário urbano, observa-se a existência de lixeiras em perfil metálico com finalidade de acomodar o lixo que seria exposto pela rua à espera do seu recolhimento; lixeiras disponibilizadas pela prefeitura para o uso do público; e frades para impedir que os veículos estacionem sobre a calçada.

O espaço público ainda sofre forte caracterização pela influência de

uma praça, vizinha à quadra objeto de nossa análise. Segundo José Lamas, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas (LAMAS, 2007, p. 176). A praça José Henrique Rodó, que pertence a uma quadra inteiramente pública, é vizinha a uma escola da administração municipal. Assim, o quarteirão público tem dimensão média de 150,0m x 50,0m e abriga, além do equipamento de educação, quadras de esportes, pequeno parque infantil e área de churrasqueira. Sua arborização é rarefeita e a manutenção preventiva encontra-se insuficiente, observando-se depredação e desgaste de seus ínfimos mobiliários.

O objeto de nossa análise apresenta-se como um desenho bidimensional delineado por quatro vias, discriminando-se em lotes e edificações com hierarquia fundiária do solo. Observa-se uma estruturação clara nas relações entre o domínio público e o privado, o que se manifesta a partir da configuração dos Lotes como divisão fundiária. Há aqui um princípio essencial na relação dos edifícios com o terreno, que se pode resumir como o resultado da urbanização imposta pelo parcelamento do território, admitindo uma divisão cadastral nova. Conseqüentemente, temos uma separação de domínio entre o espaço público e as propriedades individuais privadas: essa forma de caracterização em lotes, servidos de ruas, influenciou a configuração dos

edifícios – que por sua vez revelam a forma da cidade. Ademais, temos uma divisão do solo em polígonos regulares que são ocupados pelas edificações a partir do nível zero.

A maioria dos edifícios da quadra objeto situam-se recuados da testada dos lotes, assim como das laterais e dos fundos. Esses elementos mínimos figuram-se como volumes autônomos envolvidos por um logradouro em forma de jardins, ou com soluções de pisos impermeáveis. As edificações afastadas dos limites do lote suscitam a perda de contato direto do edifício com as vias urbanas de acesso. Essa característica é fator diferencial na estrutura do entorno e determina a forma da cidade numa relação dialética (LAMAS, 2007, p. 86). O cenário do conjunto é definido, em parte, por uma das faces do invólucro mural das edificações, e, em termos visuais, a fachada voltada para a rua adquire importância superior à volumetria da edificação.

Alguns aspectos figurativos das edificações presentes na amostra manifestam-se como: a) harmonização e continuidade da linguagem própria da casa até a calçada (como exemplo: o mesmo mosaico de acabamento empregado); b) o revestimento de azulejo, em um caráter funcional (pois os moradores se preocupam com questões relacionados à higiene - efeitos da umidade) e o fundamento estético (além de ser considerado um material nobre reflete a influência e a reinterpretação da Arquitetura Brasileira); c) paleta cromática em tons de verde, laranja, rosa e marrom; d) uso

do Cobogó (para ventilação e proteção de radiação solar).

Em nosso objeto, uma expressão característica comum a maioria das edificações é que os afastamentos frontais se encontram apropriados como espaço destinado a jardins. Esse intervalo não é visto como área utilizável, sendo destinado ao adorno da residência com canteiros de árvores e flores. Contudo, embora seja uma exigência da prefeitura (com vistas à salubridade urbana), essa área acabou transformando-se em uma faixa de amortecimento que garante certo resguardo, privacidade, do interior das residências às atividades externas (próprias ao cotidiano público). Mas o que ainda se junta a este fenômeno é o fato de que os muros frontais dos lotes apresentam vãos vasados em esquadrias (com grades metálicas de proteção e ornamento) para uma visualização incólume do movimento das Ruas. Assim, há barreiras que impedem a relação direta entre o domínio público e o domínio privado, mas essa relação não é totalmente eliminada. Esse desejo de unidade e continuidade, que produz uma ampla diversidade da aparência externa às residências, pode gerar no morador um sentimento de identidade com o lugar. Isso propicia, portanto, uma existência de união, ainda que velada, entre o espaço interior da casa e o espaço exterior do público – relação dialógica.

Tratando-se da visão de conjunto – pela quadra Objeto em relação ao entorno – observa-se uma heterogeneidade que se apresenta na mistura de materiais: como no emprego

de tijolo aparente (aspecto rústico), na esquadria de alumínio (aspecto industrial), na telha canal (aspecto colonial) e na telha em fibro-cimento (referência *moderna*). Esse amálgama estilístico pode ser visto como uma discrepância, sobre propostas divergentes no uso híbrido de elementos de composição. Todavia, a aparente falta de unidade na composição de todas as casas pode ser explicada pelo fato de que estas são compostas como objetos quase que “artesanais”, com arranjos próprios, no esforço de resgatar padrões estilísticos do passado e da memória coletiva dos habitantes.

A experiência adquirida na relação de uso com o espaço urbano, tal como ele se apresenta, considerando as camadas sedimentadas pelo tempo próprias ao nosso objeto, revela um universo que pode ser caracterizado pela expressão da forma urbana como resultado de relações humanas. José Lamas e Aldo Rossi entendem a cidade como uma construção coletiva, portanto é patrimônio dos cidadãos, e, como tal, reflete os anseios da humanidade nas suas possibilidades de ordem estética. Lamas aponta para uma condição recente da recuperação do prazer sensorial da arquitetura e do espaço urbano, que fora extinto pelo ascetismo da urbanística moderna (LAMAS, 2007). Rossi, por sua vez, irá debruçar sua tese sobre o olhar íntimo, com olhos para a construção das cidades como produção de uma arquitetura, nos seus fragmentos e nas suas manifestações mais subjetivas. Há com isso uma corrente do pensamento que, na segunda metade do séc. XX,

inaugurou uma nova forma de pensar e ver a cidade.

A jornalista Jane Jacobs acusa a cidade contemporânea de ter sido projetada por vistas aéreas, sendo planejada de cima para baixo: *up to bottom*, com projetos em grandes escalas urbanísticas gerenciados de forma autoritária e por homens (JACOBS, 2011). O fato é que houve gastos colossais na construção de empreendimentos modernistas no último século, e, estes, após as suas implantações, tornaram-se verdadeiros pontos de encontro da criminalidade. Os dados de violência, das ditas cidades planejadas, são muito mais pronunciados em comparação com as moradias consideradas inadequadas (a exemplo dos cortiços) que se apresentam pelo mundo. Se os modernistas rejeitaram, com todo o fervor, a ideia de cidade com muitas ruas, pequenos quarteirões, proximidade e mistura de diversas funções, para Jacobs esses aspectos são sinônimos de vida, interação, apropriação e identificação do usuário com o seu espaço.

Assim Jacobs desenvolve a teoria dos *olhos das ruas*, em que a relação visual entre as fachadas dos imóveis e a área externa é uma premissa. Observamos que as casas no quarteirão aqui estudado apresentam essa inclinação comunicativa, expressando a intenção de compartilhar, de participar da vizinhança e conseqüentemente de entrever os transeuntes através de muros vazados e grades. Outra concepção importante de Jacobs, na crítica às cidades contemporâneas, é a

sua tese do Ballet das Ruas, em que a diversificação, atrelada à concentração demográfica, pode revelar um espaço urbano exitoso. O bairro de Vila Valqueire tem uma multiplicidade de usos, fato que confere às suas ruas uma diversidade de pessoas com interesses plurais, trazendo um movimento cotidiano aos seus eixos.

Considerações finais

Pelo procedimento, por meio da apresentação do método de análise e dos elementos da argumentação, desenvolveu-se um curso que partiu da relativização crítica sobre o mercado como elemento único e responsável pelas manifestações urbanas pelo mundo. Há, com isso, a admissão de fatores fundamentais - nos processos de formação das cidades - que vão além da retórica econômica. Nesse aspecto, cumpriu-se a revelação sobre a apropriação dos mecanismos de formatação das metrópoles, os quais culminaram em formas urbanas específicas, como resultado das relações entre os interesses do capital e as acomodações culturais (e históricas) inerentes ao objeto analisado. Como observado na amostra, temos as áreas de afastamento frontal das residências, que à princípio foram resultado do parcelamento do solo (próprio de intenções mercadológicas) na apropriação da terra, que viraram ambientes de *amortecimento* entre os espaços públicos e privados.

Na sequência, partiu-se das orientações recentes de reses que desenvolvem uma crítica da Cidade Planejada, com entusiasmo eminente

sobre o olhar do detalhe (atento às contribuições originais dos fragmentos do Território). Dessa forma, calcou-se um olhar inicial para o bojeto no seu contexto, observando suas peculiaridades.

Nota-se, nas últimas décadas, um paulatino crescimento demográfico da região de Vila Valqueire, apresentando uma concentração de imóveis residenciais multifamiliares com maiores gabaritos. Segundo a classificação da Prefeitura, nosso objeto encontra-se na Área de Planejamento 4 (AP4) que apresentou do ano de 2000 até 2013 um crescimento de área construída em 87,3%⁵. Arelado a isso, há uma incidência de novos usos (comerciais e de serviços), principalmente nos arredores das maiores praças e nas proximidades dos acessos aos condomínios horizontais. Alguns detalhes dessa mudança apresentam-se na aquisição de lotes (pelo mercado imobiliário), que, antes destinados a construção de casas isoladas e unifamiliares, sofrem remembramentos para dar vasão a maiores prédios. Esse fenômeno já se manifesta nas condições de uso da quadra aqui analisada, em que se observa a demolição de casas tradicionais para dar lugar aos novos empreendimentos (vide figura 6).

Há aqui uma constatação que urge ser melhor avaliada: no que se refere à influência do mercado na maximização de lucros e potencialização do uso do solo.

⁵ Fonte: SMU/CGPU/GIU – Sistema de Licenciamento (Sislic) e Restituição de Imagens 2000 e 2013.

Referimo-nos às influências dos novos empreendimentos, com seu perfil edilício, sobre a realidade local da região. De forma radical, podemos observar, na mudança do padrão habitacional da área, uma brutal substituição do Valor de Uso pelo Valor de Troca (LEFEBVRE, 2001): o que se manifesta no jogo do consumo – via mercado – influenciando a vida prática das pessoas.

A relação entre o espaço público e o privado, que outrora apresentava-se de modo muito peculiar, agora deverá ser avaliado sobre novos prismas. A partir da substituição progressiva dos modelos tradicionais de moradia, considerando as características inerentes à Forma (ou a Arquitetura), por padrões condominiais de maior especulação, admite-se surgir novas maneiras de interação entre as pessoas. Se os *olhos das ruas* de Jacobs aproximavam o cotidiano privado do público, as relações interpessoais entre estranhos podem ganhar novos horizontes, quando se admite uma distorção do design da cidade e da arquitetura de seus prédios.

Os sintomas de isolamento e solidão das cidades contemporâneas, sobretudo no anonimato dos condomínios residenciais particulares, atrelado à deterioração de espaços livres públicos em grandes centros urbanos, podem revelar experiências patológicas inusitadas no cotidiano humano. Há de se falar, o quanto antes, na questão do acesso democrático aos recursos produzidos pelas cidades, como polos de geração de riqueza, para que as relações sociais em cooperação sobreponham-se às da competição.

Referências

- ABREU, M. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- CASTELLS, M. **The urban question**. Cambridge: Mass. MIT Press, 1977.
- DIAS, O. Projeto de Diagnóstico Arqueológico não interventivo no Corredor Viário Transbrasil – Parte III. **Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB)**, 2017. Disponível em: <http://www.arqueologia-iab.com.br/news/view/178>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2016.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LAMAS, J. **Morfologia urbana e desenho de cidade**. 4. ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. Ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. Space: Social Product and Use Value. In: FREIBERG, J. (ed.). **Critical Sociology: European Perspective**. New York: Grossman, 1979.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- _____. **O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MATTOSO, R. **Arquétipos suburbanos: a construção do conceito carioca e das identidades suburbanas no Séc. XX**. In: ANAIS DO XXVII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH. 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/ais/42/1471216691_ARQUIVO_RafaelMattoso.pdf. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

PITOMBEIRA, C. **A história de Jacarepaguá.** 2017. Disponível em: http://admin.nuvemsimples.com/website/jornalbj.com.br/web/paginas/noticias/422015_AHistoriadeJacarepagua.html. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins fontes, 1995.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 23/02/2021

Aprovado em 12/06/2021